

O drama do Discord: garota de 11 anos se cortava com lâmina de apontador

Grupo de crianças e adolescentes utilizavam a plataforma para propagar tortura dentro de escola

Por Caroline Aguilera

No dia 06 de maio de 2023 (sábado), ao ver a filha trocar de roupa, Patrícia Oriente encontrou marcas de cortes em seu braço. Ao chamar a atenção dela, e ficar em estado de choque, Patrícia questionou a filha sobre o ocorrido, a criança não deu detalhes, apenas disse que tinha se cortado, e que não sabe o porquê exatamente de tê-lo feito.

Patrícia, é mãe de três filhos, um deles uma garota de 11 anos. A criança, que estuda em uma escola particular de Santos, (e que por proteção à menor; seu nome não será revelado), utilizava desde janeiro, a plataforma de jogos *Discord*. Segundo a mãe, a menina não apresentava nenhum comportamento inadequado em casa, e não houve mudanças em sua rotina.

Na segunda-feira seguinte (08/05), Patrícia recebeu uma solicitação de comparecimento à escola. A Diretora da instituição a chamou para informar que uma garota se cortara no banheiro, tratando-se da filha de Patrícia. Porém, ao questionar a menina, descobriram se tratar de outra aluna, que participava do mesmo grupo de jogos, entre vários outros alunos.

Ao ser questionada novamente, a criança mostrou alguns dos áudios trocados dos grupos de conversas desses jogos. Em um deles, contava às pessoas que a mãe havia pego as conversas manipuladoras e os cortes em seus braços. Fazendo com que assim o grupo fosse exposto.

Após as informações relatadas pela menina, Patrícia se passou pela filha no grupo de conversas do aplicativo, e entendeu que um outro aluno de 14 anos da mesma escola, que compartilhava o teor violento. Esses conteúdos incluíam: culto ao massacre, canibalismo e pornografia. Além dessas incitações à tortura, as quais as garotas foram expostas. Também continha, um vídeo de assassinato à sangue frio, que foi o último visto por Patrícia, quando já se passava pela filha.

O menor identificado, possui comportamento introspectivo, conforme informações de funcionários e professores da escola. Sua família não deu maiores esclarecimentos sobre o caso, tampouco sobre tratamentos indicados ao garoto.

Após levar a filha ao pediatra e iniciar os tratamentos cabíveis, como auxílio psicológico no CAPS (sistema de atendimento gratuito para transtornos mentais). Patrícia iniciou o processo de denúncias e procedimentos legais, mas a escola envolvida solicitou que as mães das crianças não registrassem B.O. (Boletim de Ocorrência).

Em entrevista dada ao “Tudo de Bom pra Você” com Keila Lima, no Youtube, a convidada Angela Antunes, pedagoga, diz que além do Boletim de Ocorrência, a Diretoria Estadual da Educação deve ser informada.

Após a situação ser exposta, Patrícia encontrou as lâminas de apontador, que foram utilizadas pela filha, para praticar o ato de automutilação, atrás do sofá de sua

casa. A filha hoje, se encontra mais reclusa, e não tem conversado muito com a mãe dentro de casa.